

Artigo na nova versão em português

O papel das Instituições de Ensino Superior (IES) na criação e manutenção de ecossistemas de inovação nas cidades – o caso do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV)

Marcela Bortotti Favero

Professora Doutora, UniCV, Brasil.
prof_marcela@unicv.edu.br

Patrícia Rodrigues da Silva

Professora Doutora, UniCV, Brasil.
prof_patricia@unicv.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo dialogar sobre o papel das instituições de ensino superior na criação e manutenção de ecossistemas de inovação nas cidades. Justifica-se o mesmo pois a inovação é chave para o desenvolvimento de cidades inteligentes e sustentáveis, e a Instituição de Ensino tem como responsabilidade formar profissionais aptos a inovar, contribuindo assim para a melhoria das cidades. O trabalho, de natureza qualitativa, sendo a pesquisa do tipo exploratória e descritiva, foi realizado por meio da estratégia do estudo de caso do Smart Space - Ambiente de Inovação do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV), com sede na cidade de Maringá-Pr. Como resultados, identificou-se que o ambiente de inovação promove diversas ações de fomento e capacitação quanto ao empreendedorismo e inovação, atendendo os alunos em diferentes estágios de interesse quanto ao empreendedorismo, como: curiosos, com perfil empreendedor e empreendedores. A partir do exposto, entendemos que o ambiente estudado contribui com a formação de profissionais detentores de um olhar aguçado para a inovação, que poderão atuar dentro de organizações resolvendo problemas (intraempreendedorismo) ou abrindo novos negócios. Em ambos os casos, estes profissionais contribuirão para o desenvolvimento local e ainda, na busca de soluções para o desenvolvimento urbano, ratificando a relevância das IES na criação e manutenção de ecossistemas de inovação nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades Inovadoras. Ecossistemas de Inovação. Instituições de Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Considerando o documento “Brasil 2030: cidades inteligentes e humanas” resultado de pesquisas debates e estudos em diferentes partes do mundo, que culminou na criação da Rede Brasileira de Cidades Inteligentes e Humanas (RBCIH) em 2014, o caminho para o alcance da qualidade no desenvolvimento das cidades e das pessoas que nela habitam, passa pela criação de ecossistemas de inovação que unam academia, setor empresarial e sociedade civil.

Como apresentado no documento, Cidades Inteligentes e Humanas são aquelas que:

[...] possuem um ecossistema de inovação que abrange o poder público, os setores organizados da sociedade, o setor empresarial e a academia, trabalhando em conjunto para que: 1) a academia fomenta o desenvolvimento de tecnologias, softwares e aplicativos a serem utilizados na cidade, de acordo com as necessidades de sua população; 2) os empresários locais consigam ter competitividade nacional e internacional, desenvolvendo as mais diversas soluções tecnológicas aplicadas à cidade e que possam ser comercializadas globalmente e 3) os cidadãos sejam incluídos no processo de inovação, preparados para o empreendedorismo inovador e estimulados a expor problemas e atuar como copartícipes na gestão e na construção de uma cidade mais inteligente, mais humana e mais sustentável (RBCIH, 2016, p.10).

Nesse sentido, a criação de um ecossistema de inovação na cidade, envolve:

- i. Unir a academia; o setor empresarial, por meio de suas entidades representativas; o poder público e órgãos de fomento à pesquisa, ao desenvolvimento e à inovação. Recomenda-se estabelecer parcerias formalizadas por meio de um Termo de Cooperação Técnica, assinado por todos e com objetivos e metas bem definidos. É importante desenvolver uma visão conjunta de futuro para a cidade. Onde esse projeto de futuro existir, é fundamental que seja revisado para adequar-se aos conceitos de cidades inteligentes e humanas;
- ii. Envolver a sociedade civil, e diversos públicos-alvo, como participantes do processo de criação das soluções inovadoras resultantes das parcerias estabelecidas;
- iii. Estabelecer práticas para encontros periódicos dos envolvidos no ecossistema de inovação para garantir sua perenidade. O compromisso de participar deve ser assumido pelo dirigente máximo de cada uma das organizações participantes, e

sua participação deve ser um privilégio.

Diante as reflexões e proposições apreendidas na leitura e análise do presente documento, levantou-se os seguintes questionamentos: qual o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) na criação de ecossistemas de inovação nas cidades? Como essas IES cooperam e contribuem para a unificação da academia com o setor empresarial e envolvimento da sociedade civil? Quais práticas se mostram relevantes para manter o ecossistema de inovação e garantir a sua perenidade?

Na intenção de trazer à discussão o papel ocupado pelas IES na criação, desenvolvimento e manutenção de ecossistemas de inovação, bem como a contribuição desses ecossistemas no desenvolvimento das cidades, perpassando por discussões conceituais sobre temas correlatos a este contexto, apresentamos neste trabalho um estudo de caso, proporcionando aprendizado, reflexões e formação de base que suscita novas investigações e pesquisas futuras.

2 OBJETIVOS

Para pensar o papel da Universidade em ecossistemas de inovação, partimos do pressuposto de Gobble (2014), de que ecossistemas de inovação são comunidades dinâmicas, com relacionamentos construídos e sustentados pela colaboração, confiança e co-criação de valor, especializados em explorar e compartilhar tecnologias e competências complementares; nos apoiamos ainda em Moore (1993), ao enfatizar que os ecossistemas de inovação crescem no interior de uma rede de relações interorganizacionais, promovendo a integração de diferentes atores, como, universidades, empresas, instituições, centros de pesquisa e governos; consideramos também o posicionamento de Kon (2016) sobre a criação de ecossistemas de inovação ter ganhado relevância ao se observar que a inovação constitui-se como fonte significativa na geração de riqueza e valor agregado de uma economia. Para Kon (2016) por meio de seus inter-relacionamentos, os ecossistemas de inovação determinam estratégias específicas com objetivos focados no desenvolvimento econômico e de base para a recuperação econômica em períodos de menor dinamismo ou de crise.

Nesse íterim, o papel das instituições de ensino superior (IES) tem ganhado destaque nos últimos anos, em especial quando se discute a sua contribuição e engajamento com os desafios, dilemas e problemas da sociedade. Um estudo realizado pelo Sebrae e Endeavor em 2017, que contou com a participação de 2.230 alunos, 680 professores e mais de 70 instituições de ensino superior no Brasil, mostrou que existe um movimento para vencer as barreiras da economia e do mercado de trabalho, fomentando o empreendedorismo como um bom caminho para profissionais que estão dispostos a inovar. A pesquisa demonstra a preocupação das IES em atuar em conjunto com o mercado e com a comunidade, e, ao mesmo tempo, a dificuldade em serem ativas nesse quesito, tendo como um de seus *gaps* a falta de experiência do seu corpo docente com o empreendedorismo na prática empresarial. A pesquisa aponta ainda, a inserção da Educação Empreendedora no currículo e a criação de ambientes que incentivam o empreendedorismo no interior das instituições, como algumas das ações que permeiam o

caminho criado pelas IES para promover o empreendedorismo e inovação, enfrentar o desenvolvimento tecnológico, transformações nos negócios e mudanças sociais, atuando em conjunto com o mercado e a comunidade.

Vê-se assim, uma preocupação em integrar academia, setor empresarial e sociedade, o que coaduna com a discussão proposta no documento “Brasil 2030: cidades inteligentes e humanas” (2016) no que diz respeito a criação de ecossistemas de inovação nas cidades. Bagnato (2012), ao discutir o papel da Universidade e Institutos de Pesquisa, destaca o fato de que essas instituições precisam ocupar o lugar de promotoras de comportamento e habilidades empreendedoras para o desenvolvimento da inovação, ao mesmo tempo em que estreitam relações com empresas, estabelecendo parcerias que contribuam para o desenvolvimento do mercado e da sociedade.

A universidade precisa ser vista de forma prioritária, pois sem a formação de profissionais adequados e a geração de conhecimentos científico-tecnológicos, as empresas ficam sem a fonte mais importante de conhecimento científico básico, visto que é no ambiente universitário que são geradas as ideias que podem ser convertidas em riquezas, pela sua utilidade na vida das pessoas e organizações. [...] precisa haver parceria entre a universidade, formadora de recursos humanos, que provê os inovadores, e as empresas, que absorvem esses profissionais para o desenvolvimento de sua tecnologia e criar inovações para o mercado (BAGNATO, 2012, p. 22).

Nota-se assim, o papel de protagonismo da universidade no processo de desenvolvimento econômico e social das cidades, promovendo engajamento e o fluxo de recursos no ecossistema de inovação em meio a interações concretas - interpessoais e interorganizacionais - com grande capacidade de se transformarem em centros de inovação. Tendo em vista o papel das universidades em ecossistemas de inovação e no desenvolvimento das cidades, surgiram as seguintes questões: como unir sociedade, setor empresarial e academia? Como promover um trabalho articulado entre estes atores em um ecossistema de inovação? Como estabelecer parcerias formalizadas e desenvolver visão conjunta e de futuro para as cidades? Como envolver a sociedade civil no processo de criação de soluções inovadoras e gerar compromisso acerca do seu papel no desenvolvimento das cidades?

Diante dos questionamentos apresentados e tomando como pressuposto, em Heaton, Siegel e Teece (2019, p. 922) que “uma universidade pode servir como orquestradora do ecossistema, aplicando seu capital intelectual, reputacional e financeiro estrategicamente para estabelecer e manter um ecossistema forte”, viu-se uma oportunidade de ampliar essa discussão e jogar luz no papel das universidades na criação de fortalecimento de ecossistemas de inovação nas cidades. Tal feito representa uma oportunidade de ilustrar como as universidades podem estimular ativamente o desenvolvimento e renovação de seus ecossistemas locais de inovação, ocupando um lugar de “ator central” para o crescimento desses ecossistemas, na articulação junto a governos, empresas e sociedade, viabilizando transformações por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho consiste em dialogar sobre o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) na criação e manutenção de ecossistemas de inovação nas cidades, a partir de um estudo de caso.

3 METODOLOGIA / MÉTODO DE ANÁLISE

No que diz respeito à metodologia, essa pesquisa é de natureza qualitativa. Uma abordagem que permite trabalhar com um universo de significados, suscitando o aprofundamento da investigação de questões relacionadas ao fenômeno estudado e das suas relações, mediante o contato direto com a situação específica relacionada à temática que se propõe explorar (MINAYO, 2014; GIL, 2008).

A pesquisa caracteriza-se ainda como exploratória e descritiva, tendo como base os preceitos apresentados por Gil (2008) e Triviños (2012). A fase exploratória foi realizada por meio de levantamento bibliográfico realizado em teses, dissertações, livros, artigos e em documentos orientadores e regulatórios, tendo como temas correlatos: cidades inteligentes, ecossistemas de inovação, ensino superior e desenvolvimento urbano. Se caracteriza ainda como uma pesquisa do tipo descritiva, por residir no desejo de conhecer uma comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, seus desafios, seus valores etc., ou seja, busca-se a essência de um fenômeno. Segundo Gil (2008, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Como método de investigação utilizou-se do estudo de caso único. Segundo Yin (2001, p. 33) “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. O estudo de caso mostrou-se uma estratégia profícua por permitir conhecimento e aprofundamento de uma realidade específica do fenômeno estudado, permitindo correlacionar os seus elementos, levando a novas concepções, caminhos, reflexões e possibilidades no que diz respeito ao papel das IES na criação e desenvolvimento de ecossistemas de inovação nas cidades.

4 RESULTADOS

4.1 Criação de ecossistemas de inovação nas cidades e o papel das IES

De acordo com Audy (p.75, 2017) “a inovação, enquanto derivada do conhecimento científico, é fruto de um contínuo que tem na pesquisa e na geração de novos conhecimentos sua origem e mola propulsora”, e assim sendo, a instituição de ensino tem papel fundamental no processo de sensibilização e fomento da inovação. Neste ponto, é importante ressaltar que se entende que a inovação é resultado de um esforço conjunto de diferentes atores e práticas, como já discutido por Favero (2020), sendo as instituições de ensino um ator desta rede.

Já entendendo o papel de protagonismo das instituições de ensino apresentado por Bagnato (2012), entende-se o papel deste intermediário no fomento e promoção da inovação nas cidades através da construção de profissionais aptos a inovar. Afinal, a instituição de ensino superior é responsável pela formação de mão-de-obra qualificada de acordo com o contexto regional que está inserida e ainda, com as tendências de mercado.

Neste sentido, entende-se que a instituição tem diversos caminhos para construir estas competências em seus egressos. Como por exemplo, poderia trabalhar conteúdos de inovação dentro da matriz curricular e estimular aulas com metodologias ativas e resolução de

problemas; ou ainda, poderia fomentar a participação dos alunos em eventos externos relacionados a esta temática. Enfim, são diversas as possibilidades. Neste artigo, apresenta-se o caso do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV) - com campus sede localizado na cidade de Maringá-Pr e polos de Educação a Distância em diferentes lugares do território nacional - que entendeu o quanto este conteúdo é fundamental para todas as formações e resolveu dedicar esforços extras para o desenvolvimento destas competências. Por isso, investiu em um ambiente de inovação institucional: o Smart Space.

4.2 O caso do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV)

Conforme apontado por Audy (2017) a relação entre a academia e a inovação não é linear, e sim interativa, simultânea e complexa. Com base neste conceito, iniciou-se a discussão do papel da Instituição de Ensino no ecossistema de inovação, inicialmente a nível regional, e na sequência nacional. Nesta linha de pensamento, o Centro Universitário Cidade Verde propôs a criação de um ambiente de inovação: Smart Space.

A construção do ambiente está baseado na perspectiva da Hélice Tripla, articulando mercado, governo e sociedade; e tem como objetivo central o fomento de empreendedorismo e inovação para alunos, egressos e comunidade externa. Para isso, a atuação do ambiente está dividida em três pilares: Economia Criativa, Inovação e Novos Negócios e Desafios Organizacionais.

O Smart Space foi criado no ano de 2021, tendo uma sede física no Campus do Centro Universitário Cidade Verde. O espaço físico foi desenvolvido para estimular o desenvolvimento de projetos, facilitando a interação pela disponibilização das mesas, cadeiras, e ainda, um espaço para apresentação e articulação das ideias - a arquibancada. Devido ao perfil da instituição, que apresenta um grande volume de alunos no ensino à distância, o Smart Space recebeu como desafio a promoção de ações também para o EAD. Após diversas discussões e participações em eventos e capacitações, foi possível delimitar em qual momento do ciclo inovativo a ambiente teria foco, e foi definido pela gestão do espaço que inicialmente, o ambiente trabalharia com a ideação, ou seja, o fomento de novas ideias.

Uma questão fundamental na criação e configuração do espaço, foi o entendimento da inovação como resultado de um processo coletivo. E por isso, o Smart Space buscou fortalecer sua participação na sociedade envolvendo-se em todos os grupos de discussão de inovação e empreendedorismo: Ponto de Atendimento ao Empreendedor, Centro de Inovação de Maringá, HUB de Inovação da Saúde, Núcleo de Inovação; através desta participação o ambiente conseguiu criar parcerias com Sebrae, Investidores (Maringá Capital) e outros ambientes de inovação facilitando assim o desenvolvimento de ações conjuntas que permitem a redução de esforços e alcance de resultados mais efetivos. Hoje, o Smart Space se configura como o principal elo entre o mercado (empresas) e a academia, promovendo projetos que permitem o desenvolvimento dos alunos e egressos através de desafios reais e ainda, a oxigenação das empresas com as ideias advindas destes desafios.

Em seu primeiro ano de atuação, o Smart Space realizou diversos projetos. Sendo destaques: (a) Day One - encontros mensais com empreendedores que apresentam como objetivo o fomento do empreendedorismo a alunos do Brasil todo. Nesses encontros, os

empreendedores compartilham suas histórias, experiências e desafios, e mais que isso, inspiram os alunos. São convidados empreendedores de diferentes segmentos, gêneros, portes de empresas, enfim, a proposta é trazer pluralidade para a fala facilitando assim a identificação dos alunos. O evento acontece ao vivo pelo youtube, o que garante a interação entre participantes e empresários. (b) Esperançar - projeto com foco nos alunos que já apresentam atividades empreendedoras. Nasce da necessidade de capacitar esse empreendedor facilitando assim sua jornada. O projeto é composto por um ciclo de workshops: planejamento estratégico, custos e formação do preço de venda, divulgação do negócio e ainda, sobre formalização do negócio. O ciclo de palestras é anual, com encontros mensais. É importante destacar que o Esperançar nasce do olhar cuidadoso de apoio, cuidado e estímulo para com aqueles que estão iniciando a jornada empreendedora. Um ponto interessante do projeto é que ele foi construído com a perspectiva do *storytelling*, e por isso, a cada edição abraça a história de um empreendedor, na edição de 2022, temos a história de Rafaela que tem um salão de beleza. Todos os workshops são realizados com base nas informações deste caso, permitindo uma melhor visualização pelo participante.



Fonte: Site Smart Space (2022) - <https://unifcv.edu.br/esperancar/>

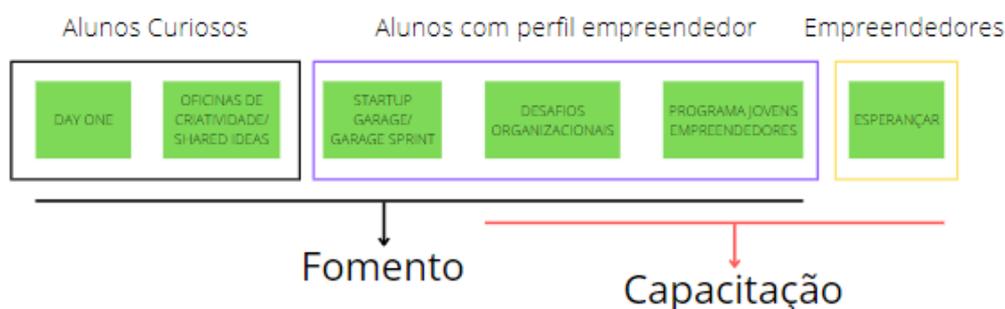
Destaca-se ainda, que para os participantes do Esperançar de Maringá (sede da instituição), é realizado mensalmente uma feira na qual estes podem comercializar seus produtos. (c) Projetos desenvolvidos em parceria com o Sebrae, como oficinas de criatividade, *Shared Ideas* (eventos pontuais que discutem um ponto da jornada empreendedora que os alunos apresentam dúvidas), e ainda o *Startup Garage* e *Garage Sprint*. Estes dois últimos estão já focados no desenvolvimento de novas soluções para o mercado, de acordo com a identificação das dores. Aqui os alunos são estimulados a criar, desenvolver, questionar e propor. (d) Jovens Empreendedores, projeto desenvolvido em parceria com a Associação Comercial de Maringá (ACIM) com o intuito de fomentar o empreendedorismo para os alunos do ensino médio. (e) Desafios Organizacionais, sendo que em 2021 foi realizado o desafio da eco-embalagem com parceria com a Gela Boca. Neste desafio os alunos tinham que apresentar propostas para o desenvolvimento de embalagens pela perspectiva da economia circular. Em 2022, estão em andamento: 1. Re-modelar - desafio construído em parceria com o Sebrae

aberto para todo o estado do Paraná. Neste desafio os alunos precisam desenvolver novas opções para os resíduos têxteis. 2. Jogo pedagógico - consiste na proposta de desenvolvimento de jogos pedagógicos pelos alunos. Ambos desafios foram desenvolvidos para atendimento dos alunos EAD, assim sendo, a metodologia é toda online. Em relação aos desafios ainda, é importante destacar o cuidado que têm-se em nivelar as informações, ou seja, todos os desafios contam com uma trilha de aprendizagem; assim permite-se que alunos de diferentes áreas participem de maneira justa.

Entendendo que a abertura do ambiente de inovação na instituição apresentava uma ruptura quanto à cultura, trazendo um perfil mais rápido, questionador e próximo do mercado, foi necessário iniciar ações de sensibilização e capacitação dos colaboradores e docentes; especialmente dos docentes, com o intuito de formar multiplicadores para a proposta. Para isso, foram realizadas palestras com todos os docentes, e alguns participaram de uma capacitação maior voltada a configuração do ambiente de inovação (promovida pelo Sebrae).

Sumariamente pode-se afirmar que hoje o ambiente de inovação trabalha com ações de fomento ao empreendedorismo e inovação e de capacitação, sendo que muitas vezes os projetos apresentam ambas as funções como pode-se observar na figura a seguir.

Figura 2 - Resumo das ações do Smart Space (UnicV)



Fonte: Desenvolvido pelos autores (2022).

Por fim, as ações são segmentadas pelo perfil do discente. Algumas são direcionadas para os alunos curiosos, com o intuito de sensibilização. Este aluno não apresenta perfil empreendedor (ainda) e de maneira geral, não tem interesse em empreender, acaba participando das ações por curiosidade. Depois temos os alunos já com perfil empreendedor, que mesmo que não empreendem ainda, apresentam vontade de empreender; e por isso, interesse em atividades mais práticas que coloquem em xeque sua capacidade criativa e de raciocínio lógico. E por fim, têm-se os alunos que já empreendem e precisam de apoio na gestão de seus negócios.

O maior objetivo do espaço é, com certeza, preparar melhor os discentes para atuação no mercado, estimulando para sejam agentes de mudança e promovam melhorias dentro das organizações que atuam (intraempreendedorismo) ou resolvendo demandas da sociedade com propostas novas, empreendendo. Com menos de dois anos, já é possível perceber reflexos do

ambiente de inovação no discentes. Neste ano de 2022, já foi possível identificar um volume maior de alunos da instituição participando de eventos externos voltados para a promoção de novas ideias, como *Hackatons* e desafios. Sendo que alguns alunos já começam a alcançar posições de destaque nestes eventos.

4.3 Desdobramentos e pesquisas futuras

Especificamente em relação ao objeto de estudo proposto, futuras pesquisas podem caminhar no sentido de mensurar os resultados dos projetos realizados. Para isso, o ambiente de inovação tem realizado anualmente uma pesquisa de perfil empreendedor dos alunos, a proposta do espaço é que a médio prazo, as ações já apresentem impacto no perfil dos alunos. Ampliando-se o olhar, sugere-se que estudos mais amplos sejam feitos com os ecossistemas de inovação com o intuito de identificar projetos de apoio a construção de cidades melhores, e ainda, seria interessante mapear o interesse dos órgãos públicos nestes ecossistemas, como editais de fomentos, parcerias público *versus* privada.

5 CONCLUSÃO

Sabe-se da importância das instituições de ensino superior para o desenvolvimento de cidades melhores. Especialmente porque, as instituições estão formando as novas gerações, e por isso, precisam estar atentas às tendências e tecnologias atuais, e para isso, torna-se fundamental uma conexão íntima das instituições de ensino com outros atores do mercado, permitindo ao aluno uma formação mais plural e conectada à sua realidade. Aqui neste estudo, apresenta-se uma ação de uma instituição de ensino superior do noroeste do Estado do Paraná em busca da ampliação da proximidade de academia e mercado, a criação de um ambiente de inovação institucional.

Percebe-se pela apresentação dos projetos, o posicionamento do ambiente de inovação como um articulador (intermediário) entre sociedade, setor empresarial e academia. Especialmente através do fomento dos desafios organizacionais, nos quais o *Smart Space* busca problemas reais das empresas, sistematiza e apresenta para os alunos resolverem. Esse ponto é crucial para o desenvolvimento de profissionais mais qualificados, pois permite a vivência da prática e a conexão com a teoria, além de oxigenar as empresas com ideias, facilitando assim a resolução do desafio.

Ao formar profissionais qualificados, promovendo e articulando a participação discente em um ambiente de inovação, o Centro Universitário Cidade Verde (UnicV) tem contribuindo para a geração de cidades melhores, pois para além da formação técnica, auxiliou no desenvolvimento de habilidades como raciocínio lógico, empreendedorismo / intraempreendedorismo, trabalho em equipe, resolução de problemas e ainda, criatividade e o olhar cuidadoso para o meio (ambiental e social).

Diz-se ainda que, a articulação entre estes atores - docentes, discentes, empresários, empresas - só é possível através da sistematização do processo de elaboração de projetos e formalização. Neste sentido, cada ator tem clareza do seu papel e das etapas, e, como o ambiente de inovação está dentro da instituição de ensino e tem como principal público os

alunos, é muito importante também na elaboração do projeto um alinhamento das expectativas de cada ator. Afinal, as propostas são elaboradas por alunos e não por consultores da área. Na cidade de Maringá, por exemplo, a interação com a sociedade civil é facilitada especialmente pela Associação Comercial e também pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico - CODEM.

Por fim, considerando que o objetivo deste trabalho consistiu em dialogar sobre o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) na criação e manutenção de ecossistemas de inovação nas cidades, a partir de um estudo de caso, conclui-se que o objetivo foi atingido, trazendo contribuições relevantes para provocar e fortalecer o debate acerca de ações importantes para o desenvolvimento de cidades inteligentes e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- AUDY, J. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. **Estudos Avançados** 31 (90), 75-87, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/rtkFhmw4MF6TPm7wH9HSpFK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 mai. 2022. DOI: 10.1590/s0103-40142017.3190005
- BAGNATO, V. S. Inovação: da teoria à prática. In: PERUSSI FILHO, Sergio; BAGNATO, Vanderlei S. BARRIONUEVO, Wilma. **Caminhos da inovação: a visão de cientistas, educadores, empreendedores e agentes de inovação**. [S.l.: s.n.], 2012. p. 19-33.
- FAVERO, M.B. **Construção da inovação no mercado de micro e pequenas empresas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá- PR, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOBBLE, M. M. Charting the innovation ecosystem. **Research -Technology Management**, v. 57, n. 4, p. 55-59, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.5437/08956308X5704005>>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- HEATON, Sohvi; SIEGEL, Donald S.; TEECE, David J. Universities and innovation ecosystems: a dynamic capabilities perspective. **Industrial and Corporate Change**, v. 28, n. 4, p. 921-939, 2019. Disponível em: <<https://academic.oup.com/icc/article/28/4/921/5526923>>. Acesso em 18 mai. 2022.
- KON, A. **Ecossistemas de inovação: a natureza da inovação em serviços**. Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace, v. 7, n. 1, p. 14-27, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MOORE, James F. Predators and prey: a new ecology of competition. **Harvard business review**, v. 71, n. 3, p. 75-86, 1993. Disponível em: <<https://hbr.org/1993/05/predators-and-prey-a-new-ecology-of-competition>>. Acesso em 22 mai. 2022.
- RBCIH - Rede Brasileira de Cidades Inteligentes e Humanas. **Brasil 2030: cidades inteligentes e humanas**. 2013. Disponível em: <<http://redebrasileira.org>>. Acesso em 03 mai. 2022.
- SEBRAE. **O empreendedorismo nas universidades brasileiras**. 2017. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-empreendedorismo-nas-universidades-brasileiras,6ad3352450608510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em 1 jun. 2022.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 2012.